

Estas fantásticas construções medievais são algumas das maiores criações arquitetônicas do homem e podem ser colocadas a par dos mais famosos templos e catedrais

FREELANCE PHOTOGRAPHER'S GUILD, INC.



O Château Gaillard controlava a única via de acesso à Normandia. Em 1204, a guarnição inglesa que o defendia foi subjugada pelos franceses

A glória imortal dos castelos antigos



NE-TURIM

O Castelo de Fênix, no vale de Aosta, erguido em 1340 por Aimone de Challant

OS CASTELOS têm um fascínio todo especial. Flutuam em nossos sonhos, surgem nas canções, constituem o pano de fundo das lendas e dos contos de fadas. Aparecem ameaçadores no alto das colinas, impassíveis sobre o mar, ou erguem-se sobranceiros sobre alguma cidade antiga, com suas poderosas muralhas e torres que nos transmitem uma sensação de eternidade. De cima de seus bastiões em ruínas, quando olhamos para baixo, temos a ilusão de reviver a época dos cavaleiros andantes e das damas românticas. O princípio fundamental da arquitetura de todos os castelos é sempre a mesma:

são constituídos por um recinto cercado, onde os antigos podiam se acolher do perigo e de onde os soldados saíam para atacar o inimigo. Construíram-se castelos nos lugares e nas épocas mais diferentes, mas foi na Idade Média, sobretudo entre os anos de 1100 e 1400, que alcançaram seu maior esplendor. Milhares de castelos medievais estão espalhados pela Europa e pelo Oriente Médio. Hoje, em várias fases de histórica decadência, recebem um afluxo sempre crescente de turistas, incluindo grupos de crianças em idade escolar, que exploram alegremente suas passagens secretas e as terríveis masmorras.

A história da fortaleza habitável a que chamamos *castelo* (do latim *castrum*, fortaleza) está estreitamente ligada aos normandos. Esta valerosa raça de guerreiros escandinavos combateu até alcançar uma posição importante por volta do ano 1000, e se instalou nas terras férteis do Norte da França; a Normandia deve a eles o seu nome. Para manter suas novas conquistas, os normandos ergueram castelos – morros de terra encimados por paliçadas de madeira ou muralhas de pedra e cercados por um fosso. O Duque da Normandia, Guilherme o Conquistador, atravessou o canal da Mancha em 1066 para conquistar a Inglaterra, e, em 30 anos, já tinha erguido cerca de 100 castelos para defender suas conquistas. Dentro dos recintos murados, muitos deles encerravam uma estrutura maciça, de pedra, a torre de menagem. Esta era a parte mais sólida do castelo;

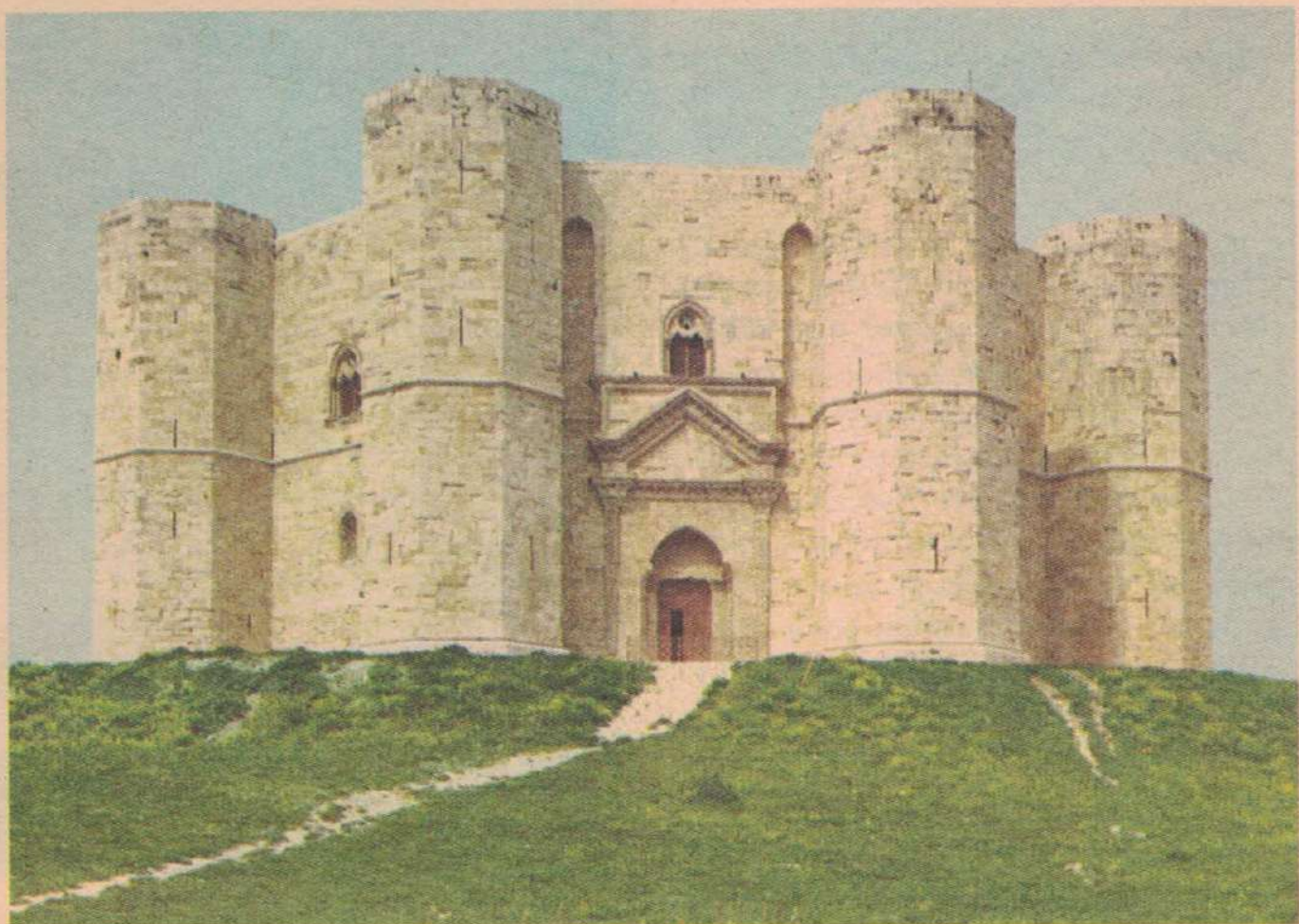
possuía um poço e depósitos de víveres, sendo os andares superiores utilizados como residência. Durante o século XII, a torre de menagem normanda (de formato quadrangular ou redondo, podendo atingir 30 metros de altura) impôs a força austera do poder em toda a Inglaterra. A torre de menagem mais conhecida, a Torre Branca, que faz parte da Torre de Londres, com sua sinistra fama pelas prisões e assassinios de reis, foi criada pelo próprio Guilherme o Conquistador.

A função básica do castelo era a intimidação. Sua mera presença constituía um aviso: *Cuidado!* A massa inerte de pedra podia de repente se animar e a ponte levadiça baixava, dando passagem a um exército pronto para a luta. Se as hostes inimigas quisessem atravessar a zona de influência do castelo, deviam entrar em acordo com os

ROBERT HARDING ASSOCIATES/ID. RUSSEL



O Krak (fortaleza) dos Cavaleiros, na Síria, constitui um dos melhores exemplos da arquitetura militar da Idade Média



A imponente estrutura de planta octogonal do Castelo do Monte, em Puglia, mandado construir pelo imperador Frederico II

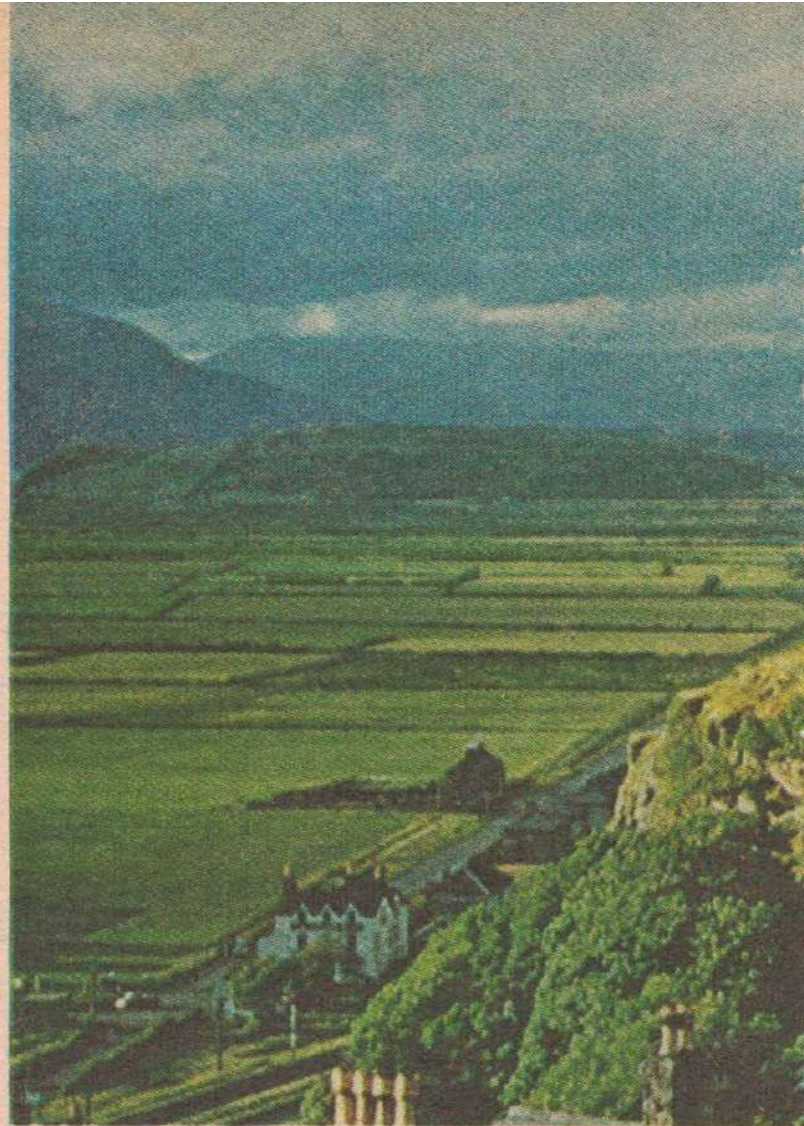
ocupantes dele ou então tomá-lo. Essa *tomada* quase sempre significava ter de fazer um longo cerco.

O castelo Gaillard foi construído como uma advertência aos patriotas franceses que desejavam reconquistar a terra normanda das mãos de Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra e da Normandia. Edificado sobre uma estreita colina calcária a 90 metros sobre o rio Sena, este castelo controlava a única estrada transitável para a Normandia. A fim de atingi-lo, da parte oposta ao rio, era necessário ultrapassar um fosso de cerca de dezoito metros de profundidade e dez de largura, escavado na

rocha, uma muralha de três metros e meio de espessura, e, depois de tudo isso, três pátios, todos eles murados e separados por fossos. Em 1204, finalmente, após um cerco que durou oito meses, um corajoso soldado francês arrastou-se através dos esgotos cavados na rocha e, uma vez lá dentro, içou seus companheiros de armas através de uma janela. Os defensores entraram em pânico. Gaillard caiu, e os franceses marcharam rio abaixo para expulsar os ingleses do solo de sua pátria.

Na Europa, as estradas de montanha muito concorridas e os vales

*Foi Eduardo I da Inglaterra,
quem mandou construir o Harlech Castle,
destacando-se aqui contra os montes
Snowdon, no País de Gales*



dos rios estão cheios de castelos. O panorâmico vale do Reno, no seu trecho de 65 quilômetros que vai de Coblença a Bingen, possui 23 castelos. Numa época em que a autoridade central era praticamente inexistente e o perigo representado pelos salteadores nas estradas constituía verdadeira ameaça, muitos castelos foram construídos para se receber pedágio dos mercadores ricos, garantindo assim uma viagem segura através do território por eles controlado.

Todavia, os castelos eram mais do que uma ameaça do emprego da força; constituíam elementos de importância decisiva no sistema feudal da Europa. O suserano local, ou barão, protegia os camponeses, ministrava justiça e, em caso de perigo, acolhia em seu castelo as famílias dos camponeses e seu gado. Por sua vez, os deveres do povo variavam desde pegar em armas para defender o castelo, até levar ao suserano linho, trigo, vinho ou um porco cevado. Este sistema funcionou durante séculos.

As Cruzadas constituíram o grande teste em relação aos castelos. Quando os cavaleiros cristãos partiram, em 1096, para libertar a Terra Santa do jugo muçulmano, encontraram o inimigo entrincheirado em redutos muito superiores a quaisquer castelos então existentes

na Europa. As antigas fortalezas de Roma Imperial, construídas ao longo das fronteiras do Império Asiático, tinham sido mantidas ou copiadas – primeiro pelos imperadores de Bizâncio, depois pelos muçulmanos. Em breve, os cruzados estavam construindo castelos que eclipsavam em esplendor as fortalezas bizantinas. Seus nomes ressoam como clarins: Anamur, Beaufort, Belvoir, Margat, Safita.

O monumento mais importante que os cristãos deixaram na Ásia é o *Krak* (fortaleza) dos Cavaleiros, na Síria atual, edificado numa colina rochosa que se ergue a 750 metros acima do nível do mar. T. E. Lawrence (o famoso «Lawrence da Arábia») definiu-o como «o mais admi-



FREELANCE PHOTOGRAPHER'S GUILD, INC.

rável castelo do mundo, sob todos os aspectos». Uma singular característica desta obra-prima é a escarpa artificial de pedra maciça, com cerca de 24 metros de espessura na base, que se ergue de um fosso interno, com um ângulo de inclinação tal que os projéteis contra ela lançados fazem ricochete. Esta fortaleza foi, durante 161 anos, o principal baluarte dos cristãos no Oriente. O exército muçulmano, que o cercou em 1271, teve de recorrer a um estratagema para conquistá-lo: mandou entregar no castelo uma mensagem falsa do comandante-chefe dos cristãos, ordenando-lhes a rendição, a fim de conseguir que os últimos 200 sobreviventes esfomeados se rendessem.

Quando voltaram do Oriente Médio, os cavaleiros aperfeiçoaram as antigas fortalezas e construíram novas. Devemos a Frederico II, famoso cruzado, o belo castelo Del Monte, no Sul da Itália. Visível a quilômetros de distância, é um milagre de graça e beleza, um octógono perfeito com uma torre octogonal em cada canto.

Talvez os castelos mais elaborados do mundo ocidental sejam os que foram mandados construir na Gales do Norte por Eduardo I, rei da Inglaterra. Ao regressar da Terra Santa em 1274, ele resolveu cercar os galeses, povo demasiado amante da liberdade, num apertado anel de fortalezas reais. Em pouco mais de um quarto de século, Eduardo tinha

mandado erguer estruturas formidáveis como Caernarvon, Rhuddlan, Conway, Harlech, Flint e Beaumaris. Sem problemas de reabastecimento, uma vez que davam diretamente para o mar, esses castelos formavam um sistema perfeito e eficaz para conter rebeliões. Os galeses nunca se esqueceram de que Eduardo I lhes espezinhou o orgulho, proclamando seu filho (o futuro Eduardo II) nascido em Caernarvon, o primeiro «Príncipe de Gales» da Inglaterra. Duas vezes neste século (em 1911 e, novamente, em 1969) a investidura cerimonial de um herdeiro do trono britânico como Príncipe de Gales foi levada a efeito em Caernarvon. Suas grandiosas torres atraem perto de 500 mil visitantes por ano.

Antes que essa época de construções acabasse, o castelo europeu tinha se transformado num incrível conjunto de dispositivos «à prova de cercos». As compridas muralhas eram pontilhadas de torres poderosas, cujas seteiras para lançamento de flechas cobriam a «terra de ninguém» nas imediações. Os baluartes eram fortificados com fileiras de pedras espaçadas, que permitiam aos arqueiros proteger-se contra o inimigo. Um labirinto de passagens e de escadas, muitas vezes feitas dentro da própria espessura da muralha, permitia aos defensores passarem rapidamente de uma parte do castelo a outra. Através de galerias secretas, com pequenas aberturas invisíveis do exterior, a guarnição podia enviar para fora mensageiros

ou espões, surpreender o inimigo que dormia ou, em caso de emergência, abandonar o castelo. (Um dos castelos mais famosos do mundo, o Kremlin de Moscou, tinha uma passagem secreta que dava para o rio Moskva.)

O reforço do ponto mais fraco do castelo, a entrada, era feita com particular habilidade. O portão era protegido por construções exteriores; quem chegasse, tinha que dar a volta e era obrigado a se aproximar da entrada por vias laterais – o que permitia que os arqueiros o atingissem com suas flechas de pontas de aço. A comprida, escura e estreita passagem de acesso ao castelo podia ser fechada por meio de uma sólida grade, que era baixada *por detrás* dos invasores – a tão temida porta de ferro corrediça. Através de buracos feitos no teto, os homens que estavam no compartimento superior podiam derramar azeite fervente ou chumbo derretido sobre os atacantes que ficavam presos em baixo. Obviamente, a não ser que fosse convidado, ninguém tentaria ultrapassar essa porta!

A «corrida armamentista» medieval era orientada mais para os meios de defesa – e isso nada tem de surpreendente, se pensarmos que havia cercos que chegavam a durar dois anos. As armas ofensivas (escadas para escalar muralhas, altas torres de assédio feitas de madeira, aríetes e catapultas gigantescas para atirar pedras ou projéteis incendiários) raramente prejudicavam a sólida estrutura dos castelos. Prova-

velmente, a arma mais eficaz, depois da fome, era o trabalho de «minar» a fortaleza, feito pelos sapadores. Os assaltantes cavavam um túnel sob uma parte vital do castelo, escorando-o com toros de madeira; depois, incendiavam-nos, o que fazia com que a fortaleza desabasse.

A artilharia marcou o fim do castelo como estrutura defensiva válida. Um canhão de assédio podia disparar projéteis de pedra de 300 quilos, e outro lançava a mais de um quilômetro e meio bolas de ferro de 50 centímetros de diâmetro. Sob bombardeios assim tão violentos, os mais resistentes castelos caíram. Outros, porém, resistiram valentemente. Em 1648, a valorosa guarnição de Pontefract, enfrentando os canhões de Oliver Cromwell, resistiu durante um ano até ser vencida pela fome.

Foi a própria história que tornou os castelos obsoletos. Com o desenvolvimento das cidades e a aparição de uma classe-média, o sistema feudal desapareceu. Os reis passaram a lidar diretamente com seu povo, em vez de fazê-lo através dos barões. Os nobres ricos come-

çaram a construir palácios em vez de castelos; contudo, os castelos continuaram a exercer um fascínio irresistível. Em fins do século XIX, o Rei Luís II da Baviera arruinou seu tesouro com a construção de grandiosos castelos de fantasia,* entre os quais temos a romântica construção de Neuschwanstein, que se ergue sobre uma colina, e é hoje uma das maiores atrações turísticas da Alemanha Ocidental. Por outro lado, as pessoas endinheiradas começaram a comprar castelos autênticos e a transformá-los em confortáveis casas-de-campo; outros ressurgiram como hotéis de luxo.

Muitos deles, porém, classificados como monumentos históricos, pertencem hoje à cidade ou à nação onde se encontram, para que todos possam apreciar esses imponentes vestígios de uma era em que sobressaíram como autênticos gigantes. No entanto, o instinto que fez com que os homens os construíssem remonta às nossas origens. Como duvidar quando vemos as crianças fazerem castelos de areia na praia?

* Ver «O Rei que Nunca Morreu», publicado em *Seleções* de dezembro de 1974.



PARA evitar que as crianças corressem atabalhoadamente para os ônibus, quando a sineta tocava às quatro horas, o diretor de um colégio religioso britânico resolveu incluir, no fim das aulas, um período de orações que seriam preparadas pelos próprios alunos. A solução, porém, não foi suficiente para resolver o problema. «Graças a Deus que já são quatro horas», disse o aluno encarregado das orações. «Amém», responderam os outros — e saíram correndo para pegar o ônibus.